

## Edição italiana do Diário teve apresentação “on line”



A edição italiana do *Diário* de Sebastião da Gama teve apresentação pública em sessão “on line” na tarde de 29 de Março, tendo contado com cerca de quatro dezenas de presenças.

Intervieram na sessão de apresentação Salvatore Patera, João Reis Ribeiro, Mariagrazia Russo e Maria Serena Felici.

As comunicações proferidas podem ser lidas nesta edição do *Boletim* pela ordem por que aconteceram. A Associação Cultural Sebastião da Gama agradece a António Mateus Vilhena a tradução que levou a cabo dos textos italianos. #

## O *Diário* como contributo para o debate pedagógico

Salvatore Patera

(Università degli Studi Internazionali di Roma)

Queria fazer apenas duas reflexões: uma de método “num plano subjetivo” e uma de conteúdo. Embora se entrelacem uma na outra por uma circularidade existente entre si, queria apresentá-las separadamente para depois as juntar no fim desta reflexão.

Eis a reflexão sobre o *método*: quando conheci a Maria Antonietta, por ocasião da redacção de um PRIN, notei: paixão, determinação, atenção e acção, ao trabalhar bem e em conjunto... não só tecnicamente mas também como predisposição para poder trabalhar bem (portanto “felizmente”, como diria Sebastião da Gama) em conjunto com os outros - uma coerência rara na pesquisa: entre

teoria e prática, entre pesquisa e docência; um testemunho do e sobre o seu agir quotidiano ... como diria Gardner: “*Uma má pessoa nunca chega a ser um bom profissional*”. Ou seja... “a missão do bom professor” ... escrevia Gama.

Esta chave de leitura, mas sobretudo de acção, representa uma passagem crucial no debate não só pedagógico, que, no caso específico, trata de uma disciplina que já não é apenas especulação teórica, como em tanta tradição eurocêntrica dominante, mas reflexão sobre a prática...

A coerência entre teoria e prática, entre o aspecto prescritivo e o performativo do agir quotidiano pessoal abre caminho ao exercício  
*Continua na pg. seguinte*

## O Diário como contributo para o debate pedagógico

Continuação da pg. anterior

do profissional reflexivo que se interroga enquanto operacionaliza a sua prática ... para a melhorar, melhorando-se a si mesmo (diria Donald Schon).

Ainda ... “a missão do bom professor” ...

Uma atenção mas também uma grande tensão humana e profissional que, sob outros aspectos, se tornara a advertência de Feuerbach a Marx pouco antes da publicação dos manuscritos histórico-filosóficos de 1844: uma atenção e uma tendência inerente à necessidade de passar pela *torrente de fogo* (Feuerbach), ao dever subverter a teologia em antropologia, isto é, a ideologia em prática de mudança coerente do próprio agir individual para um agir colectivo: **teoria-acção**.

A pedagogia passa, portanto, de filosofia “por conta de terceiros” sobre como deveria ser o homem a testemunho da transformação social enquanto, *in primis*, transformação individual: testemunhar como poderia ser o homem, como poderia ser um bom professor a partir dos meus limites, da minha experiência... e não só teoria da transformação social... transformação como auto-transformação.

Esta tendência para a educação e para a auto-educação como prática de liberdade e de felicidade (“well-being”, diria Nussbaum) animava o debate daquele período histórico até entre posições e perspectivas diferentes. Um debate hoje mudo na pedagogia de cunho italiano, na qual se reconhece somente um valioso manual, com alguns anos, de Sergio Tramma.

Como conta Franco Cambi em *La scuola di Firenze*, pensemos no fermento pedagógico cultural do pós-guerra: Ernesto Codignola, Laporta, Borghi. A experiência da casa editora La Nuova Italia, a constituição da secção italiana da NEF – Associação para a educação nova – mas também a experiência da revista “Scuola e Città”, fermentos que constituem o núcleo daquela que será definida como a “scuola di Firenze”. Tal movimento heterogéneo é caracterizado pela crítica ao sistema educativo, muito mais atento às necessidades das classes abastadas. Basta pensar nas experiências das escolas comunitárias

francesas como a Cooperativa da Tipografia na escola de Freinet, da Summerhill em Inglaterra mais do que nas espanholas com a Escola Moderna de Ferrer ou nas de Don Milani di Barbiana, na cidade-escola Pestalozzi di Codignola e de Laporta, na escola de Clivi, nas Escolas da Infância de Reggio Emilia, na Aldeia do Centro Educativo ítalo-suíço, dirigido por Margherita Zoeboli.

Aquilo que hoje anda a monte é o que, naquela época histórica, representava o coração da educabilidade no âmbito das instituições sociais e dos grupos, isto é, “fazer teoria das necessidades formativas”, lendo-as como expressões de peculiares necessidades sociais. A pedagogia como chave emancipadora e auto-emancipadora para indivíduos, grupos, comunidade: não delegada em outros.

O próprio Lombardo Radice coloca no centro a importância da escola que deve ser libertada das lógicas de reprodução cultural e do sistema dominante, a partir de uma reflexão profunda sobre as referências culturais que a promovem. Libertá-la, todavia, significa libertar, *in primis*, a cultura docente do que internamente a caracteriza, dos modelos que a definem. E o testemunho de Maria Antonietta vai nesta direcção.

A condição de *oprimido*, diria Freire, existe relativamente ao que está fora de nós, mas é, *in primis*, uma condição interior da qual é necessário que nos libertemos com esforço, com o exercício da prática e da reflexão sobre ela, percebendo os nossos condicionalismos interiores e tornando-nos melhores como profissionais.

Mas paralelamente a este *excursus* que animava o tema da educação comunitária naquele tempo...

Queria fazer um breve parênteses de reflexão sobre o conteúdo.

Como se deduz da leitura do trabalho de Maria Antonietta sobre Sebastião da Gama, esta coerência entre ser e dizer e agir, confia ao docente o valor do testemunho que, em primeiro lugar, passa pela sua torrente de fogo, pela sua pele...

Continua na pg. seguinte

## O Diário como contributo para o debate pedagógico

Continuação da pg. anterior

“O que eu quero principalmente é que [os alunos] vivam felizes”... mas se o docente não foi e não sabe ser feliz... tudo é inautêntico, postigo ... prestando-se a não ser credível aos olhos dos alunos.

Hoje, falando de *afectos*, como dizia Gama, e da importância do valor do testemunho, diremos...

Como ensinar os afectos, se não se é compassivo mas duro, inflexível consigo mesmo?

Como ensinar o altruísmo se se alimenta um eu hipertrofiado?

Como ensinar o saber cooperar se se trabalha individualmente, até nos Conselhos de Turma?

Como falar de empatia se não se consegue ouvir e aceitar a parte mais profunda de si mesmo?

Como falar de dimensão emotiva se se menospreza a sua própria, ainda antes de saber geri-la?

Como falar de confiança em si para enfrentar o novo se a revolução da vida quotidiana cedeu o passo à lamúria contra o sistema?... outro de si?... .... Diria De André “Ainda que vos julgueis absolvidos, estais na mesma envolvidos”...

Não fomos formados para isto: fomos formados para o aprender cognitivo, apenas na escola e não nas comunidades, e sozinhos, mais do que em grupo.

Tudo isto, logo depois do parênteses histórico que fiz... desaprendemo-lo.

Esta lacuna entre teoria e acção (didáctica), pagamo-la hoje com uma relação ensino-aprendizagem que é de natureza cognitiva, seguindo uma moda muito prática e tecnicista, que esqueceu a dimensão da aprendizagem como sócio-afectiva relacional.

A aprendizagem é um acto emotivo! Que parte da motivação para aprender, da perspectiva de esperança ... são aquelas predisposições, “mindset”, valores, crenças que permitem activar os recursos e agir de maneira competente em relação a um objectivo ou a uma tarefa que consideramos motivadora.

Estamos numa escola que fomenta o saber prático como resposta a toneladas de teoria (diria Dewey), mas na qual se valorizam os “skill” (que,

vendo bem, são só “funcionamentos cognitivos” e não as competências que são as capacidades de activar os recursos mais profundos de cada um). Esta activação, esta mobilização, que é própria do agir competente, implica a parte mais profunda de nós mesmos enquanto aprendemos, quer sejamos docentes quer alunos: a motivação para aprender, a perspectiva de esperança, o “mindset” com o qual vemos e vivemos o mundo, as crenças sobre nós próprios e o mundo...

Se não compreendemos isto, se não envolvemos isto na relação ensino-aprendizagem (como me parece concluir do trabalho de Sebastião da Gama), ou, ainda, se não vemos isto porque não o sentimos mas provavelmente apenas o lemos em qualquer manual de didáctica sócio-construtiva, estamos só a ministrar instrução no sentido mais preceptístico e nocional... e neste caso não é importante que ocupemos uma cátedra... basta um tutorial na “Web” para aprender noções.

Se, pelo contrário, acreditamos que o *afecto* de que fala Gama significa levar os alunos a experienciar a dimensão transversal da aprendizagem, as competências sócio-afectivas e relacionais, a motivação e a dimensão emotiva, então estamos a arrumar as causas para formar pessoas... Se primeiro as arrumarmos em nós próprios.

E somos credíveis, não só se estivermos convencidos disto, mas se disto dermos testemunho.

A provocação de Sebastião da Gama sobre a dimensão afectiva (que não parece dispor de grande espaço) e sobre o *ensinar a ser felizes*, eis que se torna uma tensão individual que pode testemunhar-se num colectivo... como competência do bom professor que sabe agir e reflectir sobre as suas práticas.

Um desafio educativo e auto-educativo crítico ... incomoda até o marxismo dos socialismos de Estado, diria Heller, referindo-se ao facto de que *a mudança está na revolução da vida quotidiana pessoal*, não pode ser delegada: mas é uma tensão enquanto testemunho.

Continua na pg. seguinte

## O Diário como contributo para o debate pedagógico

Continuação da pg. anterior

Concluo, regressando ao enquadramento com o qual iniciei esta reflexão.

Tudo isto (coerência teoria-acção, testemunho, afectos como competências sócio-emotivas dos docentes e dos alunos, etc.) me reconduz à coerência que vi no agir quotidiano de Maria Antonietta ... e me dá a segurança de que, como diria Geertz em *Interpretação de Culturas*, este trabalho de tradução da obra de Gama é feito com a consciência de assentar “nos ombros de gigantes”. Daquele sentido de “culpa” falava De Martino quanto ao trabalho que se faz e às histórias que se contam, que, apesar de escrita densa e de segundo nível, têm que ver com as histórias que contamos porque, um pouco, nelas nos contamos ... pertencem-nos, e nelas nos revemos... como num diário. “Ver as coisas do ponto de vista de” torna possível compreendê-las apenas se, de alguma maneira, nos revemos nelas e, através de nós, elas falam.

Uma consciência que leva Geertz a escrever: *Obras e vida, de qualquer modo, de quem é a vida que contamos?* O valor do testemunho e de uma história como, antes de mais nada, narração interior... como em Conrad, no *Coração das trevas*: uma escrita e uma tradução que é uma viagem interior às profundezas dos limites de nós próprios...

Isto, para que não se torne retórica e teórica, mas *praxis* de mudança (acção-reflexão) da vida quotidiana.

Neste nexos entre *Vida E Obras*, o diário e a tradução do diário, como reflexão de segundo nível, têm sentido autêntico, na medida em que nos reencontramos, naquelas páginas, como autor... como testemunha e não só como tradutor, sem responsabilidade no contar a vida de outros.

Exactamente como na antropologia reflexiva de Geertz (que *repatria* – diria Sobrero – e reflecte sobre as suas práticas em vez de o fazer sobre o exótico exterior a cada um)... onde o exótico é, pelo contrário, a viagem na África fantasma de si próprio...

“(…) Exactamente esta tarde fui, na companhia de Abba Jérôme, encontrar-me com Emawayish (a mulher etíope) e dei-lhe penas, tinta e um caderno, de maneira que pudesse escrever sozinha – ou ditar a seu filho – o texto (das suas canções), deixando perceber que o chefe da expedição, se ficasse satisfeito, lhe ofereceria o que desejava. Esta tarde, quando, ao falar do seu manuscrito, disse a Emawayish que seria particularmente gentil, da sua parte, registar algumas canções de amor como a da outra noite, ela disse-me: “Existe poesia em França?” E, além disso: “Em França existe o amor?” (Leiris. M. *A África Fantasma*, 1990). #

Salvatore Patera

## O Diário vivido pelos alunos

João Reis Ribeiro  
(Associação Cultural Sebastião da Gama)

O *Diário*, de Sebastião da Gama, demorou pouco mais de um ano a ser escrito, período que decorreu entre 11 de Janeiro de 1949 e Março de 1950, durante o tempo de estágio feito na Escola Veiga Beirão, em Lisboa. No entanto, o jovem professor quis continuar a prática diarística, armazenando mais alguns registos ainda no final

desse ano lectivo e outros no ano lectivo seguinte, mas sem o mesmo compromisso de continuidade e de assiduidade cumpridos durante o estágio.

Muitos excertos desta obra poderíamos ir buscar para testemunhar o entendimento que o jovem Sebastião, com 24 anos quando começou

Continua na pg. seguinte

## O Diário vivido pelos alunos

Continuação da pg. anterior

o *Diário*, tinha do que era ser professor ou das estratégias que seguiu para superar o quotidiano na sua relação com os alunos, de tal forma esta obra espelha a reflexão e a busca de soluções com que um professor se confronta no espaço de uma aula.

Gostaria, no entanto, de trazer para aqui o testemunho de uma das personagens deste *Diário*, que não o do professor. Gabriel Fernandes foi um dos 31 alunos a entrar nesta história, sendo várias vezes mencionado, ou pela sua vontade de participar, ou pelo envolvimento nas dinâmicas, ou pelo sentido crítico que já tinha. Em 2006, evocando o seu professor, apontava-lhe a excelência a partir de três características: *“Não porque fosse austero, mas porque descia até ao aluno e convivia com ele; não porque evidenciasse grande saber, mas porque procurava ensinar o que sabia; não porque se evidenciasse como autor de manuais escolares, mas porque se apresentava como escritor de versos.”* E continuava, alargando o horizonte da sua memória: *“Sebastião da Gama transformava o pesadelo de uma aula numa manifestação espontânea de vontade de aprender; transmitia serenidade e entusiasmo, enquanto os outros manifestavam irritação e desinteresse; alegrava-se com as pequenas vitórias dos rapazes e sofria com as suas derrotas; sabia louvar os melhores sem nunca desamparar os menos dotados; distribuía amizade e alegria e evitava a tristeza, a maledicência e a perversidade.”* Pelas lembranças de Gabriel passam também as cartas que eram trocadas entre o professor e os alunos durante os períodos de férias, numa presença permanente, mantendo uma ligação que se prolongou, mesmo depois de o professor ter saído daquela escola. E, a concluir o seu testemunho, deixava Gabriel o seguinte quadro emotivo: *“A bondade, a compreensão e a tolerância eram as suas armas nos momentos mais difíceis; o diálogo sincero com a sua consciência era o caminho que o levava a um aperfeiçoamento cada vez maior; o seu carácter nunca se impôs; foi absorvido.”* (1)

A nós, leitores de hoje, que não tivemos o privilégio de conviver com Sebastião da Gama, impressiona-nos a precisão da análise e o registo

fresco que a memória de Gabriel Fernandes mantinha, 56 anos depois das vivências a que se referia. Sebastião da Gama fora um professor marcante, que lançara sementes, que acompanhara a plantação, num jeito muito prático e muito seu de estar próximo e de se tornar presente.

Há um outro testemunho que trago para aqui, também devido a um seu aluno. Nicolau da Claudina teve Sebastião da Gama como professor no ano lectivo de 1946/47, na Escola João Vaz, em Setúbal, período anterior ao que nos é relatado no *Diário*. Num testemunho dado 60 anos depois, este aluno setubalense dizia ter a chegada do professor Sebastião da Gama provocado *“uma reviravolta na forma de ensinar (aprendendo) e conviver com os alunos”*, ao ponto de recordar: *“os 50 minutos da aula eram passados numa voragem, sem tempo, porque estar ali era viver intensamente um sentimento de alegria envolvida com o desejo de sentir a diferença do ensinar.”* Podemos perguntar que efeitos tinham estas descobertas nos alunos... e Nicolau era categórico na resposta: *“o professor Sebastião da Gama, com o seu modo de actuação, conseguiu transformar um aluno medíocre num participante assíduo no quadro de honra, cumprindo o resto do curso sempre com elevadas médias. Isto, posso afirmar sem receio, devo-o ao meu querido professor Sebastião da Gama.”* Não era pouco aquilo que este aluno bebia do convívio com o professor na escola e, vencendo o tempo, Nicolau da Claudina reconhecia a gratidão ao professor *“pela forma serena e inteligente como [lhe] ensinou o caminho do futuro”* (2).

Os sentimentos de ambos os estudantes são semelhantes: não foi o facto de Gabriel ter sido aluno no tempo de estágio ou de Nicolau ter sido aluno fora do tempo de estágio que alterou a prática do professor - Sebastião da Gama era genuinamente assim, independentemente das circunstâncias e de haver ou não haver um diário, de haver ou não haver um estágio com avaliação. Recordo-me de, em 2008, numa visita a Estremoz, cidade do Alentejo, no Sul de Portugal, onde Sebastião da Gama viveu no seu último ano de

Continua na pg. seguinte

## O Diário vivido pelos alunos

Continuação da pg. anterior

de vida e onde foi professor, ter andado à procura do Largo do Espírito Santo, sítio onde ele morara. Perguntando a uma senhora já idosa como podia chegar a esse largo, logo ela me disse que nada havia ali para ver e estranhou a minha curiosidade. Disse-lhe que gostaria de ir ver a lápide que estava colocada na casa onde Sebastião da Gama vivera. E esta razão foi o pretexto para a senhora se abrir num sorriso feliz de recuo ao passado e me começar a contar que tinha conhecido muito bem o “senhor professor e a sua Joanhinha” (a esposa), que fora professor dela, que tinha sido um exemplo humano para ela e para toda a sua geração, que a tinha ajudado muito, que se lembrava muito bem do gesto dele... e logo ali mo descreveu, quase como se tivesse acabado de passar por nós a caminho de casa!

Este papel desempenhado pela memória comprova que as linhas defendidas por Sebastião da Gama no seu *Diário*, enquanto professor, sempre a aprender e a testemunhar, não eram sentidas por ele apenas para se justificar, mas faziam parte de uma maneira de estar e de entender a vida e a profissão. As marcas que se perpetuaram nestes alunos são as da admiração e da gratidão, é verdade, mas também as da amizade, valores que o professor cultivou.

De imediato somos levados até aos apontamentos que Sebastião da Gama fez a partir da obra sobre didáctica escrita por Lombardo-Radice em 1913, bibliografia que leu numa tradução espanhola de 1933 - a dado passo, refere Radice que “*a arte de ensinar se pode definir como a arte de perder tempo para ganhá-lo*”, defendendo uma perspectiva de proximidade e de culto do relacionamento quando afirma: “*o educador que sinta como exigência as relações de amizade entre os alunos procurará por todos os meios proporcionar a ocasião para que, mais livre e abertamente, os alunos comuniquem*”.

Só na edição portuguesa do *Diário* surgida em 2011 foram apresentados os anexos que Sebastião da Gama tinha para apoiar a sua prática pedagógica. E foi importante perceber que, da parte do jovem professor, havia a sua genuinidade a ajudar, mas tinha havido também

o encontro com um mestre da didáctica e da pedagogia que quase fundamentava teoricamente tudo aquilo que Sebastião da Gama queria levar a cabo, tudo aquilo em que ele acreditava. E, não contente com a leitura do livro, copiou longos trechos que anexou ao diário, documentos que, hoje, conseguem suportar o encontro da sua prática com as teorias que, na altura, eram mais inovadoras na área da educação. Estas transcrições confirmam ainda aquela que foi uma das características essenciais deste jovem professor e poeta - uma predisposição para a leitura como extensão de si, num papel de leitor contumaz de géneros e de áreas diversificadas, por aí passando também o domínio da educação. Esta identificação com a leitura constituiu também uma marca que Sebastião da Gama quis transmitir - recordo que a tal senhora que, em Estremoz, me falou do seu antigo professor, disse também que se lembrava perfeitamente de o ver a transportar sempre vários livros debaixo do braço e de o ver a ler. Nos anexos ao diário, surge também a transcrição de um interessante texto do hondurenho Heliodoro Valle intitulado “Oración al libro”, verdadeira prece em demanda do livro perfeito, do livro-guia, do livro que aproxime os homens. Uma referência de identidade, obviamente, que não se cansou de partilhar, trabalhando, com o seu público, os alunos, num espectro alargado, desde a poesia popular até à literatura mais erudita, para mostrar a beleza da escrita, desenvolvendo o espírito crítico, solicitando-lhes que justificassem as preferências, partilhando também os textos que concebiam nas aulas. E assim surgiram as Semanas temáticas ao encontro da literatura, as dramatizações das situações narradas, a biblioteca “girante” da turma... E o diário do professor transformou-se num repositório de relatos, de análise, de memórias, até ao ponto de, por meados de Março de 1949, saudar a ideia de o escrever: “Bem haja o Senhor Dr. Virgílio Couto por esta ideia do diário. A gente assim pode olhar para trás e ver vida - tempo enchido com coração em lugar de com fórmulas.”

Continua na pg. seguinte

## O Diário vivido pelos alunos

Continuação da pg. anterior

Não foram apenas as questões relacionadas com a disciplina de Português que preencheram as páginas de Sebastião da Gama. Também os ensinamentos para a vida, naquela margem que acontece fora das aulas, mas que pode ser determinante para o trajecto dos alunos - em Maio de 1949, num determinado dia, o professor abandonava a escola para ir à taberna buscar o Barradas, que, pelo dizer dos colegas, andava desorientado. E surge a conversa entre o professor e o jovem, pautada pela chamada à razão e com um pedido do mestre no final - *“Ouve, Barradas: eu não te peço que me faças confissões; só tenho pena que tenhas mentido a um professor que não mente - pelo menos não mente aos alunos. Se quiseres e quando quiseres, quando precisares, abre-te comigo; procura-me, escreve-me, como queiras; não vejas em mim uma pessoa mais velha - aliás, pouco mais velho sou do que tu. E adeus. Tenho confiança em ti e tenho a certeza de que estes dias desnorteados depressa serão esquecidos.”* E Sebastião da Gama seguia com a justificação para esta atitude: *“Primeira lei: acreditar no aluno.”* Uma verdadeira acção de inclusão, para usar terminologia de hoje... Mesmo neste aspecto, de ida ao encontro de um aluno algo desamparado, Sebastião da Gama se fazia acompanhar por Radice, quando assinala o *“valor das lições mínimas fora do chamado programa do curso”*, sublinhando: *“lição é tudo o que impulsiona para um progresso espiritual, por mínimo que seja; e o professor ensina sempre.”* (3)

Uso mais uma memória de 1947, da sua aluna Margarida Brazinha, que, em 2017, setenta anos depois de o ter como professor, o evocava, contando várias histórias e exprimindo, a dada altura: *“o tempo passou, mas não passou aquele som, ao mesmo tempo de competência, de franqueza, de compreensão, de bondade inata, da sua comunicação com os alunos, que não deixava indiferentes os mais distraídos.”* (4)

Um dos traços mais fortes da experiência pedagógica aqui relatada passa justamente pela voz que aos outros é dada neste *Diário*, o que alicerça também aquilo que foi a pedagogia que este poeta e professor pôs em prática.

O *Diário* é um permanente exercício de

reflexão sobre o quotidiano do educador e do poeta, que passa pelo diálogo com as respostas dos alunos, com as leituras feitas, que vai procurar formas de resolver problemas nesse mesmo quotidiano. Este *Diário* é o espaço em que se joga o frente a frente do professor consigo, tentando entender o porquê de ter procedido desta ou daquela forma, experimentando perceber após os acontecimentos o que levou a que o resultado fosse aquele, independentemente de ser bom ou menos bom. Por outro lado, o registo das respostas dos alunos dá colorido e confere autenticidade à história dos dias que vai sendo contada, não constituindo apenas uma recolha das respostas mais certas ou menos certas, mas um desvendar o que pretendiam os alunos dizer ao responderem desta ou daquela forma, um perceber o que estaria na base da construção de determinadas respostas e, a partir daí, edificar caminhos de exploração.

Este *Diário* é um documento literário: na sua forma, integrando as marcas da escrita diarística; na sua mensagem, revelando um «eu» que comunica e se oferta, deixando muitas vezes ver linhas que estão presentes também na poesia de Sebastião da Gama, sendo mesmo difícil separar o percurso do professor do percurso do poeta. É uma obra que merece a nossa leitura, a nossa atenção. Mesmo em Portugal, nem sempre tem tido a atenção que deveria ter, voltados que andam os tempos modernos atrás de balizas de ruptura, nem sempre valorizando o que é essencial e o que já se sabe.

É por todas estas razões que o trabalho levado a cabo por Maria Antonietta Rossi, ao traduzir este *Diário* (depois de, em 2010, já ter divulgado ao público italiano alguns fragmentos desta obra), é louvável - aproxima as culturas portuguesa e italiana; evidencia os caminhos traçados por Lombardo-Radice e os seus ecos chegados a Portugal a iluminarem o percurso de Sebastião da Gama; faz ressaltar as áreas da linguística e da literatura como possibilidades absolutas para uma formação humanista; divulga um testemunho que, apesar dos setenta anos que

Continua na pg. seguinte

## O Diário vivido pelos alunos

Continuação da pg. anterior

sobre ele passaram, continua a ser pertinente e válido para o nosso tempo; confere a Sebastião da Gama um estatuto que ele merece, chamando a atenção para a sua importância na educação da sensibilidade estética e na cultura portuguesa.

Muito obrigado, Maria Antonietta Rossi! #

João Reis Ribeiro

### Notas:

- (1) FERNANDES, Gabriel José. "Sebastião da Gama visto por um seu aluno". *Boletim Informativo*. Azeitão: Associação Cultural Sebastião da Gama, Dezembro.2006, nº 2, p.7.
- (2) CLAUDINA, Nicolau da. "Sebastião da Gama visto por um aluno". *Boletim Informativo*. Azeitão: Associação Cultural Sebastião da Gama, Maio.2007, nº 3, p.5.
- (3) GAMA, Sebastião da. *Diário*. Col. "Obras completas de Sebastião da Gama", 1. Coord.: João Reis Ribeiro. Lisboa: Presença, 2011, p. 195. (*Diário*. Col. "Metàfrasis Lusitana", 1. Trad.: Maria Antonietta Rossi. Firenze: Lorenzo de' Medici Press, 2021, p. 105).
- (4) PIRES, Maria Margarida Brazinha. "A minha memória de Sebastião da Gama". *Sebastião da Gama - Pelo sonho é que vamos*. Coord.: João Reis Ribeiro. Suplemento da revista *Letras com Vida*. Lisboa: CLEPUL, nº 9, 2018-2019, pp. 125-126.



Intervenientes na sessão: Maria Antonietta Rossi (tradutora, linha superior, à direita), Cristina Rosa (moderadora, linha central, à esquerda), João Reis Ribeiro (linha central, ao meio), Maria Serena Felici, Mariagrazia Russo e Salvatore Patera (linha inferior)

## Sebastião da Gama e Itália - Que relação?

Mariagrazia Russo

(Università degli Studi Internazionali di Roma)

Este encontro permite-nos recordar, juntos, um poeta de rara sensibilidade como era Sebastião da Gama.

Queria contar a minha experiência com a obra de Sebastião da Gama: os amigos mais queridos que tenho em Portugal tinham comprado, havia pouco tempo, uma casa em Vila Nogueira de Azeitão e, quando me convidaram a passar aí alguns dias com eles, aproveitei para ir conhecer a viúva de Sebastião da Gama, Joana Luísa (1923-2014), uma senhora simplicíssima, que, depois da morte do marido – com quem se tinha casado, embora sabendo que ele estava doente de uma tuberculose imparável –, tinha feito da sua vida a memória de Sebastião.

Continua na pg. seguinte

## Sebastião da Gama e Itália - Que relação?

Continuação da pg. anterior

Na época, às mulheres viúvas sem filhos – assim me contava – nada cabia: a ela tinham-lhe sido deixados “só” os manuscritos. Destes manuscritos viveu e se alimentou, dia após dia, Joana Luísa. E se a obra de Sebastião goza hoje desta difusão, a ela se deve. Assim, aquando do nosso encontro, a minha proposta foi trabalhar com ela na publicação dos papéis do Sebastião, e em particular nas suas quadras inéditas: foi assim que veio a público, sob a minha responsabilidade, *Não morri porque cantei... Quadras inéditas de Sebastião da Gama* (1).

Mas esta obra era ainda dirigida a um público português. No mesmo ano, tentei dar a conhecer o poeta em Itália, apresentando-o como homem e como poeta numa miscelânea em honra de um colega há pouco aposentado naquela altura (Franco Lanza, 1926-2007) (2): ocupei-me, nessa altura, de três sonetos inéditos, para, depois, em 2007, voltar a oferecer um contributo sobre ele, quando tomei em consideração o interesse de Sebastião da Gama pelo mundo cultural italiano num congresso organizado pela Câmara Municipal de Setúbal (3).

Falei, naquela ocasião, do facto de Sebastião da Gama ter conhecido no Portinho da Arrábida, onde vivia, o nosso ex-rei Umberto II, exilado em Cascais, e, sobretudo, de como a sua experiência de docente se formara na pegada de Lombardo Radice (1879-1938), de quem Sebastião tinha em casa um volume, em versão espanhola, que constituiu a sua base pedagógica. Nasceu, assim, a minha curiosidade pelo *Diário*, cuja tradução foi confiada, para uma tese trienal por mim orientada, a Maria Antonietta Rossi, à época uma jovem estudante, hoje docente na Università per Stranieri de Siena. Só uma pessoa tenaz, segura e voluntariosa como Maria Antonietta podia agarrar naquela espécie de apontamentos para lhes dar uma roupagem italiana, de modo a dar a conhecer ao nosso público um autor que merecia ser descoberto.

“*Pelo sonho é que vamos*”: num período em que a ditadura cortava as asas a quem ousava voar, Sebastião soube dar fôlego a um sonho, à esperança, ao desejo de mudança. Estes versos foram um pouco o símbolo da revolução em

Portugal: eram repetidos com a esperança no coração. “*Pelo Sonho é que vamos, / comovidos e mudos. / Chegamos? Não chegamos? / Haja ou não haja frutos, / pelo Sonho é que vamos. // Basta a fé no que temos. / Basta a esperança naquilo / que talvez não teremos. / Basta que a alma demos, / com a mesma alegria, / ao que desconhecemos / e ao que é do dia-a-dia. // Chegamos? Não chegamos? // – Partimos. Vamos. Somos.*”

A morte atingiu Sebastião demasiado jovem (a 7 de Fevereiro de 1952, com apenas 27 anos), abraçou-o num momento em que queria continuar – como já tinha feito durante poucos anos – a dar tudo aos seus estudantes. A sua pedagogia do amor e da partilha, que hoje parece quase pedagogicamente óbvia, foi absolutamente uma novidade para o Portugal da época. E a tradução do *Diário* não podia ser mais bem confiada do que a Maria Antonietta, uma estudiosa tão apaixonada pela didáctica.

Os *Frammenti di Diario*, publicados em 2010, sempre sob a sua responsabilidade (4), tinham como objectivo pôr em evidência as reflexões linguísticas que Sebastião tinha inserido no seu caderno de notas: e este volumezinho acompanhou, durante muito tempo, os nossos estudantes, que o tinham no programa de exame.

Faltava, contudo, dar a conhecer ao público italiano o *Diário* completo. Ei-lo, pois: e *estamos todos de parabéns*. Com a autora-tradutora Maria Antonietta Rossi, porque levou a termo um trabalho filologicamente complexo (teve de voltar a pegar na edição crítica realizada por João Reis Ribeiro e de rever, portanto, completamente, a sua tradução feita num contexto académico); com o editor, Fabrizio Bagatti, que lhe deu uma roupagem gráfica verdadeiramente merecedora de apreço no seio da Casa Editora Lorenzo de’ Medici; com Maria Serena Felici, que acolheu o volume na sua colecção Matàfrasis, e com toda a comissão científica (5); com Cristina Rosa, que tornou possível esta edição, graças aos contributos da Cátedra “Pedro Hispano”, por ela dirigida; e também com Salvador Patera, que, apresentando

Continua na pg. seguinte

## Sebastião da Gama e Itália - Que relação?

*Continuação da pg. anterior*

hoje este volume, se debruça sobre o mundo pedagógico português dos anos 50.

E creio que, para um professor, nada há de mais gratificante do que ver-se superado, por competência e paixão, pelos próprios alunos. Foi o que me aconteceu com a Professora Rossi: Portanto, bem haja, Maria Antonietta, e que este livro possa *ir pelo sonho*. #

Mariagrazia Russo

### Notas:

(1) Mariagrazia Russo, *Não morri porque cantei... Quadras inéditas de Sebastião da Gama*, transcrição e edição por –, Edições Arrábida, Mem Martins (Sintra), 2003 (130 pp.).

(2) Mariagrazia Russo, “Sebastião da Gama, il poeta di Arrábida: tre sonetti inediti”, in *Satura. Studi in onore di Franco Lanza*, a c. di Renato Badali, Sette Città, Viterbo 2003, pp. 259-284.

(3) Mariagrazia Russo, “Sebastião da Gama e o seu interesse para a cultura italiana”. Colóquio “Sebastião da Gama: O Poeta e o Professor. Perspectivas e Estudos”, promovido pela Câmara Municipal de Setúbal, 18 de Junho de 2004. O texto foi publicado em: António Manuel Couto Viana, António Osório, Conceição Coelho, João Reis Ribeiro, Maria das Dores Meira, Mariagrazia Russo, Teresa Azinheira, *Sebastião da Gama. O Poeta e o Professor. Estudos e perspectivas*, Associação Cultural Sebastião da Gama, Vila Nogueira de Azeitão 2007 (O meu texto, “Sebastião da Gama e o seu interesse para a cultura italiana”, encontra-se nas pp. 81-92). A este encontro seguiu-se um outro evento público sobre a figura de Sebastião da Gama que teve lugar na Escola Profissional de Hotelaria de Setúbal (a 26 de Maio de 2017): “Jornada Internacional Sebastião da Gama – Pelo sonho é que vamos”, na qual não pude participar pessoalmente, mas onde, no entanto, foi lida uma comunicação minha com o título “As quadras de Sebastião da Gama. Um repositório de sabedoria juvenil”. Este contributo foi depois publicado em volume intitulado *Sebastião da Gama - Pelo sonho é que vamos* como parte integrante da revista *Letras com Vida*, n. 9, e saiu com o mesmo título que teve no próprio congresso (a minha comunicação está nas pp. 118-121).

(4) Maria Antonietta Rossi, *Frammenti di Diálogo. Sebastião da Gama e la lingua portoghese*. Introduzione, traduzione, note ed edizione critico-genetica di –, Sette Città, Viterbo 2010 (inserido na colecção por mim dirigida “(Transducere) Lusitana”, com prefácio meu).

(5) Mariagrazia Russo, Sílvia César dos Santos Alves, Simone Celani, Gian Luigi De Rosa, Giorgio de Marchis, Antonio Augusto Nery, Annabela Rita, Maria Antonietta Rossi.

## Quando um professor transmite paixão

Maria Serena Felici  
(Università degli Studi Internazionali di Roma)

Começo por exprimir toda a minha satisfação por ter podido iniciar a colecção que dirijo com este volume, que enriquecerá, de forma aprazível, todos os seus leitores.

A colecção “Metàfrasis Lusitana” teve o seu início muito recentemente, em Janeiro de 2021, no âmbito da casa editora Lorenzo de’ Medici, com a finalidade de publicar traduções de autoras e autores de língua portuguesa: de qualquer época, género literário, contexto geográfico, desde que de língua portuguesa: este é o volume número um e espero sinceramente que haja muitos outros, uma vez que ainda existe muita literatura lusófona não traduzida em italiano, textos que poderiam certamente alcançar um sucesso considerável no nosso país.

É, para mim, um prazer começar com Sebastião da Gama, um autor que, como já disse quem no assunto tem mais autoridade do que eu, deixa uma grande marca na história da pedagogia e não apenas na portuguesa; vimos que as suas teorias se nutrem de influências transnacionais, e também italianas, muito ilustres.

Quando comecei a lê-lo, impressionaram-me logo dois aspectos: o primeiro é o próprio facto de Sebastião da Gama escrever um *Diário* sobre a sua experiência de ensino. Aqui, falamos, efectivamente, de pedagogia, e esta obra é, sem dúvida, uma pérola nesta matéria, mas não é um tratado, não é um estudo – e, obviamente, nada de negativo haveria se o fosse –, mas é um *Diário*: ou seja, o autor sentiu a necessidade de tomar nota das sensações, das experimentações, dos pequenos acontecimentos de cada dia, para poder reflectir sobre a sua experiência de pedagogo e tirar proveito dela para reproduzir os sucessos e remodelar os insucessos. Já isto demonstra muito claramente quanto, para Gama, o ensino ultrapassava a dimensão profissional e transbordava totalmente para a vida como uma paixão imensa, a luz, em absoluto, da sua existência.

*Continua na pg. seguinte*

## Quando um professor transmite paixão

Continuação da pg. anterior

Se formos ver a literatura diarística, descobrimos, efectivamente, que aquilo que se escreve num diário é o que mais toca nas profundezas, o que determina os sentimentos mais marcantes; não tenho necessidade de citar os diários mais conhecidos de todo o mundo para recordar como traduzem, na língua escrita, os segredos mais difíceis de confessar, os aspectos da personalidade pessoal que nós mesmos devemos ser capazes de conhecer. As próprias ciências humanas nos ensinam que escrever um diário é um óptimo método para aprender a conhecer-se a si mesmo e a superar alguns obstáculos da mente. Sebastião da Gama decide escrever, no seu diário, os acontecimentos grandes e pequenos – mas sobretudo os pequenos, porque é desses que se nutre a didáctica – ligados à sua profissão de professor: aquilo que ele tem de mais íntimo, aquilo que vai mais ao encontro do seu coração, aquilo que em si constantemente quer melhorar, elaborando, com a ajuda do *Diário*, as experiências quotidianas e a sua profissão de professor.

A tratadística, os estudos científicos que todos nós produzimos são, obviamente, importantíssimos no desenvolvimento da ciência, mas não podem em plenitude libertar as emoções que vivenciamos em relação àquilo que nos apaixona: quando decidimos produzir algo de verdadeiramente íntimo, livre dos códigos da linguagem académica, se bem que valiosíssimo na perspectiva científica, entra em jogo a literatura. E é efectivamente o que faz Gama, que, neste volume da responsabilidade de Maria Antonietta Rossi, cita fontes e reflecte sobre um óptimo *corpus* de dados, como convém a um trabalho de ciência: mas fá-lo numa linguagem literária.

O outro aspecto que me impressionou ao ler o texto de Gama foi, desde as primeiras páginas, a empatia que consegue suscitar no leitor. Cito uma das primeiras notas, datada de 12 de Janeiro, para melhor me fazer entender:

“«O que eu quero principalmente é que vivam felizes.»

– Não lhes disse talvez estas palavras, mas foi isto o que eu quis dizer. No sumário, pus assim: «Conversa amena com os rapazes.» E pedi, mais

que tudo, uma coisa que eu costumo pedir aos meus alunos: lealdade. Lealdade para comigo e lealdade de cada um para cada outro. Lealdade que não se limita a não enganar o professor ou o companheiro: lealdade activa, que nos leva, por exemplo, a contar abertamente os nossos pontos fracos ou a rir só quando temos vontade (e então rir mesmo, porque não é lealdade deixar então de rir) ou a não ajudar falsamente o companheiro.

«Não sou, junto de vós, mais do que um camarada um bocadinho mais velho. Sei coisas que vocês não sabem, do mesmo modo que vocês sabem coisas que eu não sei ou já esqueci. Estou aqui para ensinar umas e aprender outras. Ensinar, não: falar delas. Aqui e no pátio e na rua e no vapor e no comboio e no jardim e onde quer que nos encontremos.»

Não acabei sem lhes fazer notar que «a aula é nossa». Que a todos cabe o direito de falar, desde que fale um de cada vez e não corte a palavra ao que está com ela.”

Impressionou-me muito o facto de estas primeiras intenções serem aquelas que eu sempre teria desejado ouvir dos vários professores ao longo do meu percurso, desde a mais tenra idade, e com as quais, na minha modéstia, ilustro aos meus estudantes, no início de cada curso, o modo como decorrerão as minhas aulas. Se um docente não pensa que tem coisas que aprender com os alunos, não poderá, a meu ver, transmitir a sua paixão, mas noções apenas.

Por conseguinte, estou, na verdade, muito contente com este início para a colecção “Metàfrasis Lusitana”, mas o meu contentamento não está ligado apenas ao conteúdo do texto e ao seu autor, mas também à identidade da responsável: Maria Antonietta Rossi é uma estudiosa por quem tenho uma grandíssima estima, autora de pesquisas de grande valor, com um percurso académico brilhante e óptima “discípula” de Sebastião da Gama: apaixonada e extremamente atenta ao tema da didáctica da língua portuguesa, a que se dedica com grande argúcia. A servir-lhe de luz, e isto é, por si só, um passaporte, tem o *Diário* de Sebastião da Gama.

Continua na pg. seguinte